Fábio Aristimunho Vargas (Org.)

ARARARARA

ANTOLOGIA DE PALÍNDROMOS

EDUNILA



Fábio Aristimunho Vargas
(Organizador)

ARARARARA

ANTOLOGIA DE PALÍNDROMOS

Foz do Iguaçu
EDUNILA
Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana
2020

© 2020 EDUNILA – Editora Universitária

Ficha catalográfica elaborada pela EDUNILA – Editora Universitária

A662 Arara rara: antologia de palíndromos / Fábio Aristimunho Vargas (Org.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

103 f.

ISBN: 978-65-86342-00-0

1. Linguística. 2. Palindromia. 3. Palíndromo. I. Vargas, Fábio Aristimunho. II. Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA. III. Título.

CDU (2. ed.) – 80

Catalogação na fonte: Bibliotecário Leonel Gandi dos Santos CRB 11/753

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização prévia, por escrito, da editora. Direitos adquiridos pela EDUNILA – Editora Universitária.

EDUNILA – Editora Universitária
Av. Tancredo Neves, 6731 – Bloco 4
Caixa Postal 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil
CEP 85867-970
Fones: +55 (45) 3529-2749 | 3529-2770 | 3529-2788
editora@unila.edu.br
www.unila.edu.br/editora

Impresso no Brasil. 2020
Foi feito o depósito legal

Editora associada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Gleisson Pereira de Brito *Reitor*

Luis Evelio Garcia Acevedo *Vice-reitor*

EDUNILA – EDITORA UNIVERSITÁRIA

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador-geral*

Edson Carlos Thomas *Administrador*

Francieli Padilha B. Costa *Programadora visual*

Leonel Gandi dos Santos *Bibliotecário-documentalista*

Natalia de Almeida Velozo *Revisora de textos*

Nelson Figueira Sobrinho *Editor de publicações*

Ricardo Fernando da Silva Ramos *Assistente em administração*

CONSELHO EDITORIAL

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador da Editora Universitária*

Natalia de Almeida Velozo *Representante da Coordenação Executiva*

Elaine Aparecida Lima *Representante dos técnico-administrativos em educação da UNILA*

Yuli Andrea Ruiz Aguilar *Representante dos discentes da UNILA*

Ulises Bobadilla Guadalupe *Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT – UNILA)*

Laura Márcia Luiza Ferreira *Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH – UNILA)*

Marcela Boroski *Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN – UNILA)*

Debbie Guerra *Universidad Austral de Chile*

Norma Hilgert *Universidad Nacional de Misiones (Argentina)*

María Constantina Caputo *Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

Daniela Birman *Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)*

EQUIPE EDITORIAL

Nelson Figueira Sobrinho *Preparação, edição e revisão de textos*

Natalia de Almeida Velozo *Revisão de textos (língua portuguesa)*

Francieli Padilha B. Costa *Projeto gráfico, capa e diagramação*

Leonel Gandi dos Santos *Normalização bibliográfica*

SUMÁRIO

9 Prefácio

17 Autores Palindromistas

Adriano Valle 18
Ana Júlia Gomes Vargas 20
Antonio Eder 21
Antônio José de Carvalho 23
Aparício Torelly, o Barão de Itararé 25
Arnaldo Antunes 26
César Miranda 27
Chico Buarque 28
Claudio Julio Tognolli 29
Clélio Lemos 30
Dilênio Cruz 31
Eno Teodoro Wanke 33
Estevão Azevedo 35
Fábio Aristimunho Vargas 38
Fraga 42
Francisco dos Santos 45
Gab Marcondes 46
Geraldo Vidigal 47
Giba Assis Brasil 49
Gilberto Yuji Hirabayashi 51
Gregorio Duvivier 54
Guilherme Alberto Almeida de Almeida 55
Guto Lacaz 57
Heitor Isoda 59
Hemeterio 61

Hugo Maciel de Carvalho 64
Ivan Freire 65
Júlia Lima 67
Laerte 68
Leo Cunha 70
Lucas Verzola 71
Luísa Amoroso 72
Luiz Mors Cabral 74
Marta Lagarta 76
Millôr Fernandes 78
Neuci Gonçalves 79
Ota 80
Pablo Javier Alsina 81
Paulo Alberto Brombal 83
Paulo Ferraz 85
Paulo Henriques Britto 86
Pedro Mohallem 87
Ricardo de Bastos Cambraia 89
Rômulo Marinho 91
San Tiago Caraíva 93
Sérgio IgréS 94
Sofia Mariutti 96
Victor Del Franco 97
Ziro Roriz 99

Para Rômulo Marinho,
in memoriam

PREFÁCIO

Esta **arara** que você tem pousada em suas mãos é uma antologia de palíndromos em língua portuguesa, com autores representantes de todas as regiões do país.

Palíndromos são palavras, frases ou números que repetem a si mesmos quando lidos na ordem inversa. É o caso, por exemplo, de enunciados célebres como "**A torre da derrota**", "**Oto come mocotó**" e "**Socorram-me! Subi no ônibus em Marrocos**", que podem ser lidos de trás para frente sem que seu texto se altere. Na leitura inversa, desconsideram-se elementos como a acentuação e demais diacríticos, pontuação, espaçamento, hifenização e distinção entre maiúsculas e minúsculas.

Artífices amadores e "achadores" eventuais de pepitas palindrômicas estão, nesta antologia, lado a lado com palindromistas experientes e publicados. Nossa seleção, que demandou vasculhas por bibliotecas, *blogs*, livros, jornais e revistas, *sites* e tuítes, contatos em editoras, cartas e telefonemas a familiares, a princípio se limitaria a **22** autores, número que oportunamente subiu a **33**, depois a **44**, e se foi deixando alargar, até os atuais 49 palindromistas (ou, em termos palindrômicos, **7 x 7**) – para o nosso regozijo e, estamos certos, também o do leitor. Alguns contatos acabaram não prosperando, enquanto alguns convites terminaram declinados. Com um teto de quinze palíndromos por colaborador, imaginem-se quantos bons textos tiveram de ser preteridos.

Um palíndromo pode acontecer como uma descoberta, um achado, uma pedra em que a gente tropeça casualmente ou que garimpa com intenção, mas que pode ter feito outros vacilarem antes de nós. Não é incomum a autoria coincidente, ou incidente de coautoria, que ocorre quando compositores distintos chegam a um mesmo palíndromo, sobretudo se com poucas palavras ou se estruturado a partir de um mesmo vocábulo.

A "invenção simultânea" é um fenômeno bem conhecido em outras searas. No conhecimento científico, designa a hipótese de que certas invenções e descobertas teriam sido feitas de modo independente e simultâneo por múltiplos cientistas ou inventores. No xadrez, não é raro que partidas se repitam, lance a lance, entre oponentes diversos, assim como há certa recorrência de problemas enxadrísticos formulados por pessoas em circunstâncias distintas.

Também para esta antologia chegaram palíndromos com autoria coincidente – nada anormal, dada a ordem palindrômica das coisas. Para esses casos, adotamos como critério de seleção a publicação anterior ou o primeiro envio, sem prejuízo para a coautoria incidental.

Os autores

Os palíndromos, como se vê, põem em xeque o conceito convencional de autoria. Mas os melhores textos são sempre obras autorais, uma espécie de manifestação – artística ou lúdica, ilógica ou ocultista – marcada pela voz que os enuncia.

A mensagem, junto com a temática, a escolha vocabular, a pontuação e a articulação da frase, pode denotar, com maior ou menor expressividade, certa visão de mundo, o humor e a ironia próprios de seu autor, seu senso estético e suas idiossincrasias, conformando um estilo peculiar. No caso de uma antologia, como a presente, a própria seleção de palíndromos dentro de um vasto acervo particular pode ser, por si mesma, significativa.

Uma dessas peças autorais, trabalhada pelo escritor carioca Paulo Henriques Britto, é o seu "**Ótimo, só eu, que os omito**". Temos nesse palíndromo um microconto exemplar, que pouco mostra e muito sugere, com um narrador em primeira pessoa a rivalizar em autocentrismo com, digamos, o protagonista de um *Yo el Supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos. Também a forma, que pressupõe uma leitura que vai e vem, servirá para ilustrar uma fala que se volta, como uma onda, contra o seu próprio enunciador.

O tocantinense César Miranda, representante da região norte do Brasil nesta antologia, se destaca pelo tom coloquial e pela oralidade, além de traços de humor; seus palíndromos soam como um conselho, uma fala amistosa, impressão reforçada pelo uso sistemático do travessão: "**– Alie-se, sei lá**", "**– Adia, ela vale a ida**". Já o brasiliense Adriano Valle, que traz do xadrez sua experiência estratégica, é responsável por uma pérola da metalinguagem palindrômica: "**Reler: a rigor, eu quero girar e ler**". Também metalinguística é esta composição do baiano Dilênio Cruz: "**Aí ele ri. Versos reversos. Revire. Leia**". Dilênio ainda é autor de "**A mala remete Temer à lama**", em fina sintonia com o noticiário político.

Como não notar certa influência de Amy Winehouse em "**Rá! Podem me dopar…**", na voz da paulistana Júlia Lima? O arquiteto e artista plástico paulistano Guto Lacaz, que conheceu a magia dos palíndromos na década de 70, mas acreditando-se sem dom para invocá-la, teve o *insight* de reunir, no livro de artista *Contas anacíclicas* (2003), vinte e três contas de restaurante cujos valores constituem números palindrômicos incidentais, os chamados capicuas. Alguns desses saborosos achados estão aqui servidos.

Destacam-se pelo humor os paulistanos San Tiago Caraíva, autor do livro de palíndromos ***A INTER ETNIA*** (2014), com "**Ocupa a PUC, ô!**" e "**O Atari piratão**", e Lucas Verzola, com "**o vovô ama alemã. mela a mão, vovô!**". Outro a trilhar essa senda é o paranaense Guilherme Alberto Almeida de Almeida, radicado em Brasília. Em "**Saudade: me dá duas**" e "**Ué, morreu? Erro meu!**", entrevemos a maravilha e o estranhamento, o espanto e o nonsense, o errático e o poético que caracterizam o seu texto. Certa vez, em seu aniversário, mandei-lhe esta: "**À farra, Gui viu garrafa**", ao que ele me respondeu, na lata: "**Aí, bebi-a!**".

Alguns dos mais renomados cartunistas do país apresentam aqui os seus trabalhos na seara da reversibilidade. O quadrinista Ota integra a antologia com uma seleção de palíndromos ilustrados que integrarão seu livro de poemas-palíndromos, em produção. Pesquisador de jogos verbais, o quadrinista curitibano Antonio Eder adota a estrutura em palíndromo em alguns de seus trabalhos, como os reproduzidos nesta antologia. Já a cartunista e chargista Laerte produziu e ilustrou palíndromos em suas tiras publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*, assinando-as com o pseudônimo bifronte "E.T. Real". É de sua lavra esta síntese do olhar palindromista:



Fonte: Folha de S.Paulo [200--?]

Enquanto o romancista potiguar Estevão Azevedo parece exercitar a prosa em seus palíndromos, tematizando desde a mitologia grega até a política ("**O medo, vó, no ar, é Temer remeter ao novo demo**"), a poeta paulistana Sofia Mariutti ("**ele parece tecer a pele**") e a poeta carioca Gab Marcondes ("**se ama és**") parecem tecer poemas de um só verso.

De igual maneira, buscam a poesia em seus palíndromos os (sul-)mato-grossenses – lembrando que o MS surge em 1977 – Francisco dos Santos e Fábio Aristimunho Vargas (este que vos escreve), junto com o paulistano Victor Del Franco e o paulista-candango Paulo Alberto Brombal. O mineiro Pedro Mohallem é autor de uma reinterpretação do Quadrado Mágico, um poema visual para o qual propomos a seguinte leitura alternativa, de modo a acompanhar o sentido do bustrofédon: "**Arepo: roda em esse, ara. És semeador: opera.**"

O músico paulistano e poeta Arnaldo Antunes colabora com um poema visual estruturado em palíndromo. O médico fluminense Neuci Gonçalves (hoje em brava luta contra o "caranguejo"), que dedicou ao palíndromo um capítulo de seu livro *Arquitetura de palavras* (2005), alude ao próprio pseudônimo charadístico em "**Icuen é Neuci**". O quadrinista Heitor Isoda tem um estilo inconfundível, introspectivo, pessoal, que só ganha em profundidade ao fundir palíndromo e desenho. Já a ilustradora Luísa Amoroso representa com técnicas de colagem o que os palíndromos dizem com palavras.

O mineiro Antônio José de Carvalho (que recentemente nos deixou e deixará saudades), com "**O revés até irá matar a barata, Marieta Severo**", o gaúcho Giba Assis Brasil, com "**Ele pode todo ano dar a Maradona o dote do Pelé**", e o cearense Hemeterio, com "**Tô na Jato, tá, Janot?**", têm em comum a tematização de personalidades conhecidas. Hemeterio inclusive ilustra uma de suas composições com um desenho bifronte: de pé, um monge; de cabeça pra baixo, uma bomba em queda livre. Também comprometida com a realidade política e social é a produção palindrômica do mineiro-brasiliense Ricardo Cambraia, que posta no Twitter, por meio do usuário @OPalindromista, assertivas como esta: "**O rito é o processo: pede posse, corpo e o tiro**".

Gregorio Duvivier e o saudoso Millôr Fernandes, ambos escritores e humoristas cariocas, nos revelam, nesta antologia, mais uma de suas múltiplas facetas, a de palindromistas, sem perder o algo de nonsense que lhes caracteriza o humor. O curitibano Gilberto Yuji Hirabayashi explora as possibilidades do palíndromo extenso, de maior fôlego, inclusive com quebra em linhas. O escritor mineiro Leo Cunha faz uma incitação musical à terceira

idade: "**Ao rock, coroa!**". Ivan Freire, baiano que vive em Florianópolis, alude ao risco e ao preconceito associados à vida noturna urbana: "**O ritmo balada dá lá bom tiro**".

Dentre as dedicatórias palindrômicas engastadas pelo jornalista e humorista gaúcho Fraga, destaca-se a empenhada a John Lennon, que parece emular as letras de suas canções. Também jornalista e humorista gaúcho, de importância histórica, Aparício Torelly, conhecido como Barão de Itararé, foi um pioneiro dos palíndromos no Brasil. Já o jornalista paulistano Claudio Julio Tognolli apresenta uma seleção de seus palíndromos convenientemente publicados no ano de **2002**. Enquanto o mineiro-paulista Hugo Maciel de Carvalho destaca-se por empregar *emoticons* em seus palíndromos, a jovem Ana Júlia Gomes Vargas, então com sete anos de idade, revela sua linguagem lúdica em textos como "**ah, Carlos, sol racha**".

O bioquímico carioca Luiz Mors Cabral se dá o luxo de palindromizar uma substância química: "**O terpeno boné preto**". Com "**O tacape pacato**", o internacionalista paulistano Geraldo Vidigal parece aludir à antiga política do *Big Stick*, o chamado Corolário Roosevelt da Doutrina Monroe. Já a poeta carioca Marta Lagarta, com o verso palindrômico "**ANTE O ETNA**", evoca um famoso palíndromo italiano sobre o vulcão ativo da Sicília: "**Etna gigante**". Baiano desterrado, Clélio Lemos rende homenagem ao torrão natal: "**ai! habitar a ti, bahia!**".

Em "**Ao ver tubarão no ar, abutre voa!**", do paranaense-paulista Sérgio IgréS, temos uma pequena fábula fantástica, imagética e imediata como um aforismo, um dito popular sobre cujo significado podemos apenas elucubrar. Mato-grossense radicado em São Paulo, o poeta Paulo Ferraz desvela um modo bilíngue, embora pouco boêmio, de se apreciar a MPB: "***Oir* bossa, mas sóbrio**". De sua experiência no improviso com o coco de embolada, de que é adepto, o professor doutor Pablo Javier Alsina, argentino radicado no Rio Grande do Norte – logo, não nativo da língua portuguesa! –, parece ter trazido ao palíndromo certa sensibilidade para as palavras menos usuais, tais como "próton", "rapsódia", "quotidiano", "cognato".

O cantor e compositor Chico Buarque integra esta antologia com um palíndromo publicado no número de estreia da edição paulista do jornal *O Pasquim*, de julho de 1986. Ocupado com os ensaios para um *show* com Maria Bethânia, em Paris, e sem tempo para redigir uma matéria a que se havia comprometido, ofereceu a Jaguar, o editor do jornal, um palíndromo

que lhe tomara algumas horas de insônia. Verdadeira crônica de época, seu verso anacíclico emprega o humor como estratégia de crítica aos poderosos, e já integra a mitologia pessoal de seu autor. Ao aceitar o convite para esta antologia, Chico nos informou que até escrevera outros palíndromos, mas os perdeu – e quem perde, na verdade, somos nós.

Essa singela publicação, de um único palíndromo, não deve ter subestimada a sua importância. Diversos autores partícipes desta antologia acusam o seu impacto. Fraga, por exemplo, motivou-se a publicar, pouco depois, uma coletânea de palíndromos nas páginas do mesmo *Pasquim*, alguns dos quais aqui reproduzidos, e o jornalista Otto Lara Resende escreveu sua primeira crônica sobre palíndromos tendo como mote a contribuição de Chico, retomando diversas vezes o tema por incitação de seus leitores. De igual maneira, os palindromistas Rômulo Marinho, Neuci Rodrigues, Dilênio Cruz e outros se declararam influenciados por essas publicações. É a palindromia da palindromania, uma febre que retorna de tempos em tempos.

Curitibano que recentemente adotou São Paulo, o professor de matemática aposentado Ziro Roriz milita pela difusão do palíndromo, seja em praça pública, seja em oficinas e palestras, seja em entrevistas. Em seu livro *Palíndromos: um desafio linguístico* (2014), faz uma apologia da palindromia como recurso de humor e estratégia lúdica de aprendizado. Produziu, em sua "saudável maluquice", como registrou o jornal *Gazeta do Povo*, joias como "**Azeda fase de safadeza**", "**Ovacionar a paranoica vó**" e "**Ui, a canela da macaca Madalena caiu**".

O saudoso Eno Teodoro Wanke, paranaense que foi radicado por longos anos no Rio de Janeiro, legou-nos uma obra relevante tanto pela extensão quanto pela profundidade. Em *O livro dos palíndromos* (1995), Wanke expõe sua verve de palindromólogo ao teorizar sobre o fazer palindrômico em um texto bastante didático e ilustrado. Ao final, compila uma seleção de mais de três mil palíndromos de sua autoria, triados de entre os que havia publicado ao longo dos anos de maneira artesanal. É seu, seguramente, o maior *corpus* palindromista individual da língua portuguesa até o momento.

Rômulo Marinho, mestre palindromista que recentemente nos deixou, é o autor de outro clássico da palindromia nacional, o livro *Tucano na CUT?* (1998). Nascido no Espírito Santo e radicado em Brasília, Rômulo legou-nos alguns dos palíndromos mais poéticos e conhecidos da língua portuguesa, como "**A base do teto desaba**", "**Ah! No safári girafa sonha**" e "**O terrível é ele vir reto**". Tal como em "**Seco de raiva, coloco no colo caviar e doces**", quem nunca engoliu a própria ira em nome das convenções sociais?

Em contraste com a variada procedência – epistêmica, geográfica, profissional – dos autores aqui antologados, algumas imagens e temas clássicos transitam em comum por suas vozes. O *carpe diem* e a morte; Nero e Roma; o voo de Ícaro; a vida e o medo; o amor e o ódio; o matar e o viver; a diva, a dama e o drama; o sexo, a dor e o prazer; o ser e a metamorfose são alguns dos tropos espalhados, sob diferentes roupagens, pelos palíndromos que você lerá a seguir. A disposição dos textos e sua forma de apresentação (caixa alta, itálicos, negritos, proporção nos tamanhos de fonte, uso de títulos) procura preservar as preferências de cada autor.

– Palíndromo para quê, afinal?

O leitor a esta altura talvez se questione acerca da razão de ser do palíndromo. Esta antologia procurou dar voz às mais diversas concepções sobre essa questão, dando espaço a palindromistas com diferentes perspectivas.

Embora haja quem enxergue no palíndromo a inutilidade, a insensatez, a mera curiosidade, há também os de olhar utilitarista, que o veem como uma atividade ludolinguística similar ao trocadilho, ao anagrama, ao caligrama, às palavras-cruzadas e ao caça-palavras, legítimo recurso pedagógico para excitar em seu público-alvo o gosto e a curiosidade pela linguagem.

Há quem enquadre o palíndromo na categoria do humor, devido ao riso fácil que desperta aos que com ele travam seu primeiro contato, seja pelo absurdo ou pelo inusitado das frases em si, seja pelo despropósito que é ler no sentido inverso, seja pela descoberta de que existe quem leve tudo isso a sério.

Há quem pense o palíndromo como um gênero literário, considerando a densidade poética que lhe é própria, as possibilidades narrativas que enseja, o enfoque na forma, as regras de contenção, a assonância e a aliteração implícitas, o artifício do verso único.

Há os que identificam atributos místicos no palíndromo, um lampejo da ordem cósmica no universo das coisas humanas, como bem atesta o seu manejo como um tipo de runa, jogo de *I Ching*, oráculo linguístico para a predição do caminho. Exemplo disso é o Quadrado Mágico, empregado como amuleto desde a Antiguidade:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

E há, ainda, quem entreveja no espelhamento anacíclico a precisão matemática, a desconstrução do signo e da sintaxe, um espaço amostral das possibilidades sonoras de uma língua, o mistério do sequenciamento de longas cadeias cromossômicas, um recurso criptográfico, o acesso ao inconsciente, a beleza do caos e da simetria.

Que o leitor desta antologia descubra no palíndromo o seu propósito, para, quem sabe, dar asas à sua própria **ARARA ЯAЯA**.

Fábio Aristimunho Vargas
2 de fevereiro de 2020

AUTORES PALINDROMISTAS

7X7

ADRIANO VALLE	ANA JÚLIA GOMES VARGAS	ANTONIO EDER	ANTÔNIO JOSÉ DE CARVALHO	APARÍCIO TORELLY / BARÃO DE ITARARÉ	ARNALDO ANTUNES	CÉSAR MIRANDA
CHICO BUARQUE	CLAUDIO JULIO TOGNOLLI	CLÉLIO LEMOS	DILÊNIO CRUZ	ENO TEODORO WANKE	ESTEVÃO AZEVEDO	FÁBIO ARISTIMUNHO VARGAS
FRAGA	FRANCISCO DOS SANTOS	GAB MARCONDES	GERALDO VIDIGAL	GIBA ASSIS BRASIL	GILBERTO YUGI HIRABAYASHI	GREGORIO DUVIVIER
GUILHERME A. ALMEIDA DE ALMEIDA	GUTO LACAZ	HEITOR ISODA	HEMETERIO	HUGO MACIEL DE CARVALHO	IVAN FREIRE	JÚLIA LIMA
LAERTE	LEO CUNHA	LUCAS VERZOLA	LUÍSA AMOROSO	LUIZ MORS CABRAL	MARTA LAGARTA	MILLÔR FERNANDES
NEUCI GONÇALVES	OTA	PABLO JAVIER ALSINA	PAULO ALBERTO BROMBAL	PAULO FERRAZ	PAULO HENRIQUES BRITTO	PEDRO MOHALLEM
RICARDO DE BASTOS CAMBRAIA	RÔMULO MARINHO	SAN TIAGO CARAÍVA	SÉRGIO IGRÉS	SOFIA MARIUTTI	VICTOR DEL FRANCO	ZIRO RORIZ

Adriano Valle

(Brasília-DF, 1964)



Fonte: arquivo pessoal.

Mestre de xadrez, artista plástico e publicitário. **11** vezes Campeão Brasiliense de Xadrez. Graduado em Comunicação Social pela UnB em 1986. Fundador da XadrezValle, academia de xadrez e ateliê de arte em Brasília.

Reler: a rigor, eu quero girar e ler.

A sua pá agora roga a pausa.

Reverta o medo do azar, razão do demo atrever.

A letra é dom, tira-me o pó da ira, vejo hoje variado poema, ritmo de arte lá.

Ama favela... já leva fama!

Se rezar, pede prazeres.

Ela vê, ama e vale!

E deu que, se é seu… que dê!

Olé! Boa maré: números só remuneram ao belo!

Sue, demo, nome sem o nome Deus!

Aí se troca a cortesia.

Rezar, trata-se de fé, desatar, trazer.

Acedo ao Deca.

Amada dádiva é trazer da Xamã, Xadrez-Arte à vida da Dama.

Seu, teu… que tu és?

Os quatro primeiros palíndromos foram publicados no panfleto *Lê, dr., o cordel* (2007).

Ana Júlia Gomes Vargas
(Foz do Iguaçu-PR, 2010)



Fonte: Fábio Aristimunho Vargas.

Estudante do Ensino Fundamental. Palindromista desde os sete anos, aprendeu o ofício observando o pai e lendo *Tucano na CUT?*, de Rômulo Marinho. Vive em Foz do Iguaçu.

ah, Carlos, sol racha

aranha? ah, Nara

a tela valeta

só gim, amigos

limpa ap. mil

megassapo, passagem

a led dela

a rala? a Lara

sapo copas

a caneca? acena cá

ai, vi loba na Bolívia

a maçã na cama

ato não anota

ai prato, lotar pia

a lei, viela

Antonio Eder
(Curitiba-PR, 1971)



Fonte: arquivo pessoal.

Ilustrador e quadrinista. Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná. Autor do livro *O breve verbo* (2012), que trata de jogos verbais, entre os quais o palíndromo. Mora em Curitiba-PR.

